

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CHARLTON HESTON, UMA PRESENÇA ÉPICA
25 de setembro de 2023

THE AGONY AND THE ECSTASY / 1965
(A Agonia e o Êxtase – Miguel Ângelo)

Um filme de Carol Reed

Realização: Carol Reed / Argumento: Philip Dunne, baseado no romance *The Agony and the Ecstasy* de Irving Stone / Direcção de Fotografia: Leon Shamroy / Direcção Artística: John DeCuir e Jack Martin Smith / Cenários: Dário Simoni / Guarda-Roupa: Vittorio Nino Novarese / Música: Alex North / Som: James Corcoran, Carlton W. Faulkner e Douglas O. Williams / Montagem: Samuel E. Beetley / Interpretação: Charlton Heston (Miguel Ângelo), Rex Harrison (Papa Júlio II), Diane Cilento (Condessa De Medici), Harry Andrews (Bramante), Alberto Lupo (Duque de Urbino), Adolfo Celi (Giovanni De Medici), Venantino Venantini (De Grassis), John Stacy (Sangallo), Tomas Milian (Rafael), Fausto Tozzi, Maxine Audley, etc.

Produção: International Classics, para a 20th Century Fox / Produtor: Carol Reed / Cópia em 35mm, colorida, falada em inglês com legendas em português / Duração: 132 minutos / Estreia em Portugal: Roma e Tivoli, a 1 de Novembro de 1965.

Quando se fala de Carol Reed (1906-1975) fala-se sobretudo dos anos 40, a década em que o realizador inglês assinou os mais conhecidos, e possivelmente também os melhores, filmes da sua obra. **Night Train to Munich**, **Odd Man Out**, **The Fallen Idol**, **The Third Man**, todos realizados entre 1940 e 1949. Das décadas seguintes, e com a eventual excepção de **Our Man in Havana** (1959), praticamente nenhum título consegue rivalizar em fama (ou em proveito) com os desses anos 40. Sobre a recta final da carreira de Reed, que se concluiu em 1972 com um obscuro **Follow Me!**, pior ainda: se fama existe, é a chamada “má fama”. **The Agony and the Ecstasy**, feito em 1965, pertence já a este período.

Antes de entrarmos por esse terreno – saber se essa “má fama” é total ou parcialmente merecida ou não – notemos que **The Agony and the Ecstasy**, nas suas circunstâncias de produção, é bem um filme dessa década de 60 em que profundamente se transformaram a estrutura e a organização do cinema americano. Foi produzido independentemente por um inglês (o próprio Carol Reed) para um estúdio americano (a Fox), rodado em Itália, com um elenco onde um actor americano (Charlton Heston) contracena com um grupo de actores ingleses (à cabeça, Rex Harrison) e italianos. É portanto um filme com origem “híbrida”, como por estes anos se começava a tornar frequente. Embora em termos de lógica (lógica de produção, lógica narrativa) se insira claramente dentro da tradição do grande espectáculo de reconstituição histórica tal como ela foi cultivada pelo cinema americano.

Apesar de algumas nomeações para os oscars, **The Agony and the Ecstasy** não foi propriamente um grande sucesso de bilheteira, e nunca conseguiu recuperar todo o dinheiro nele investido. Talvez a história de como Miguel Ângelo pintou o tecto da Capela Sistina fosse um assunto demasiado “esdrúxulo” para captar massivamente o gosto popular (que no entanto fizera do livro homónimo de Irving Stone, adaptado pelo argumento, um “best seller”), e talvez isso até tivesse sido pressentido, porque alguém (não é claro se Carol Reed se os executivos da Fox) resolveu tomar precauções. Falamos do “prólogo” de **The Agony and the Ecstasy**, prólogo não assinado e sem quaisquer indicações genéricas, que a partir de uns belos planos aéreos de Roma e da Basílica de São Pedro faz um pequeno apanhado pedagógico da vida e obra de Michelangelo Buonarroti. Suspeita-se que Reed não terá sido tido nem achado nesse prólogo anónimo e sem título, porque só depois dele começa verdadeiramente **The Agony and the Ecstasy**. Em todo o caso não é um prólogo desagradável, a pedagogia não é “maçuda”, e a sua função cumpre-se bem: dizer ao espectador que ele não tem desculpa para não perceber o que está em causa em **The Agony and the Ecstasy**. E o que está em causa, transposto para o contexto político-religioso da Roma de princípios do século XVI é uma velha questão: a relação entre a arte e o poder. **The Agony and the Ecstasy** cobre o período de quatro anos (entre 1508 e 1512) em que Miguel Ângelo pintou, por encomenda do Papa Júlio II, o tecto da Capela Sistina, e foca-se na tempestuosa relação entre o artista e o comanditário.

Aqui chegados, e para atalharmos caminho, passamos por cima de tudo o que em **The Agony and the Ecstasy** faz por merecer a “má fama” (o academismo pesadote da direcção de Reed, a absoluta falta de poder de síntese narrativa, o gosto mais que duvidoso da “epifania” de Miguel Ângelo quando vê no desenho formado pelas nuvens a inspiração para a sua Criação do Homem) e vamos directamente ao que a atenua e torna o filme de Reed de visionamento mais agradável do que se poderia suspeitar. A espécie de equiparação, em termos de olhar, entre Miguel Ângelo e Júlio II. Não é, como nalguns filmes sobre as dinâmicas produtor/realizador em Hollywood (que este filme até faz lembrar) um confronto entre um tiranete cego e bruto e um artista violentado na sua integridade. De algum modo o filme restitui a Júlio II a aura mecenática que ele acreditava ter (e, pelo menos numa cena, menciona), assim como acredita, pelo menos tanto como Miguel Ângelo, naquela obra de arte. A partir daí, o confronto entre Júlio II e Miguel Ângelo pode desenvolver-se como uma espécie de “screwball”, com cenas totalmente incríveis (o Papa e o artista, no alto de um andaime iluminado por velas, a discutirem as respectivas concepções religiosas) de que só é pena que Reed não percebido o potencial... “screwball” de modo a pelo menos cerrar o filme em torno destas duas personagens, sem tantas dispersões que não fazem falta nenhuma e cortam todo o ritmo. Ocorre-nos que o Cecil B. DeMille do tempo das grandes fantasias históricas derrisórias (a **Cleopatra**, as **Crusades**) teria gostado desta história. Nós, pelo menos, teríamos gostado de a ver nas mãos dele.

Luís Miguel Oliveira